

BOLETIM INFORMATIVO DA ADEPAC - SÃO MIGUEL DE ACHA

Editorial



Assisti no dia 5 de julho, no Centro Cultural Raiano, Idanha-a-Nova, a dois eventos que merecem destaque neste editorial.

O primeiro foi o lançamento de um livro com o título “ideias simples para uma escola feliz”, coordenado por João Ruivo e editado por RVJ Editores. Trata-se de um livro que contém a narrativa pessoal de cada um dos autores, que nele deixam o seu testemunho com base nas experiências vividas ao longo de uma vida profissional.



Professores esses que têm em comum terem atravessado parte de dois séculos relevantes no sistema educativo e na consolidação de regimes democráticos nos seus países, designadamente na defesa da Escola Pública, uma escola para todos que se pretendia inclusiva e meritocrática. Aquilo que o coordenador João Ruivo designou por Legado Pedagógico para as Novas Gerações.

Assim este livro é considerado uma obra marcante e duradoura, não só pela lista de colaboradores que intervieram nos diferentes testemunhos, mas, sobretudo, pela qualidade desses mesmos testemunhos que se pretende deixar às gerações futuras, que irão substituir os diferentes autores que contribuíram para que fosse possível organizar esta obra, no irreparável, irreversível e perpétuo movimento da História, porque não existe a era do Vazio.

Sendo assim deixo aqui um alerta para que se leia este livro, em especial as pessoas interessadas nos assuntos da educação e de uma escola democrática e para todos.

Um segundo evento, refiro-me ao espetáculo realizado pela Universidade Sénior de Idanha-a-Nova – USIN, que na comemoração dos seus

10 anos de atividade, e em que Idanha-a-Nova comemorou também os seus 10 anos de entrada na rede Europeia de Cidades Criativas da Música da UNESCO, que foi, na verdade, aceção da palavra, e tomando como mote o título do livro que eu mencionei anteriormente, “Ideias simples para uma festa feliz”.

É mesmo isso que poderemos dizer. Estiveram em palco, no auditório exterior do CCR, mais de 200 alunos da USIN, todos com idade superior a 50 anos.

Cantaram-se e tocaram-se músicas de cada uma das aldeias que constituem o concelho de Idanha-a-Nova e todas elas com uma qualidade de vozes e de música impressionantes. No início do espetáculo foi apresentada a música, que será o futuro Hino da USIN, da autoria da Dra. Carla Costa. Apela-se aos poetas do concelho uma letra adequada à música que foi esplendidamente tocada pela Filarmónica Idanhense, que coordena um Projeto tão valioso, quer ao nível do ensino, quer no contributo que dá diariamente para uma qualidade de vida superior para os mais idosos do nosso concelho.

Bem-Hajam e muitos parabéns pelos 10 anos de trabalho desenvolvido com tão bons resultados.

“CASOS POLÉMICOS ANTIGOS”

EM S. MIGUEL DE ACHA

A Capela de Santo António – II “A demolição”

No jornal anterior demos início à “divulgação de factos” registados nas Atas da Junta de Freguesia de S. Miguel de Acha, neste caso, relacionados com a Capela de Santo António, que existiu no Largo com o mesmo nome, e à respetiva imagem. Reitera-se que com esta publicação não estamos a fazer nenhuma análise histórica aprofundada. Do que se trata é mesmo e só de uma divulgação de factos concretos que a maioria dos

leitores desconhece ou que não sabe exatamente o que se passou, minimamente enquadrados. Cabe aos leitores, perante os factos, fazer os seus juízos, as suas análises e, eventualmente, os estudos que entenderem, sendo certo que nem sempre este tipo de documentos regista “a realidade” tal qual ela aconteceu. Mas é o que está registado.

Retomando a descrição, a Ata da reunião de 2 de julho de 1931, no que se refere à imagem de Santo António, diz-nos que a mesma se encontrava na Capela e que foi oficiado ao padre da freguesia *a oferecê-la, se a quizesse*, e que o edifício se encontrava em estado deplorável: “Acta da sessão ordinária Aos dois dias de Julho de mil novecentos e trinta e um, reuniu na sala de sessões da Junta de Freguesia de S. Miguel D'acha com a presença de todos os seus membros. Tendo esta Junta de Freguesia recebido um ofício do Exmo. Sr. Professor oficial d'esta freguesia pedindo para se lhe tirar um taipal que actualmente divide a escola do sexo masculino e estando em parte da escola uma imagem ao abandono há muitos anos resolveu esta Junta tirar o taipal e officiar ao padre da freguesia oferecendo-lhe se a quizesse, a imagem. Foe lido um ofício também do Exmo. Sr. Professor comunicando que ameaça ruína um arco de cantaria interior na escola.”

Nesse tempo, dizem-nos as Atas que a Junta considerava a Capela como um bem seu, entendimento naturalmente decorrente do facto de após a proclamação da República em 1910, a Lei da Separação do Estado das Igrejas, aprovada em 1911, ter nacionalizado os bens da Igreja Católica, retirando-os da sua posse. Na verdade, só em 1940, com a assinatura da Concordata entre o Estado Português e a Santa Sé, se regulou o processo de devolução dos bens da Igreja que tinham sido nacionalizados e é nesse contexto, salvo melhor opinião, que podemos abordar o problema.

É certo que o Golpe de 28 de maio criou um contexto político e religioso que proporcionou o regresso da importância da Igreja. Por isso, é aceitável que após essa data se tenha instalado novo entendimento de que os bens que haviam sido nacionalizados eram outra vez propriedade da Igreja, até pelo facto de o Governo, tentando a reaproximação, ter promovido a devolução de muitos bens que haviam sido nacionalizados. Não conseguimos esclarecer se nessa data teria havido alguma ação do Governo nesse sentido, no que se refere à Capela de Santo António. Só em 1940, com a assinatura da Concordata entre o Estado Português e a Santa Sé, o assunto foi juridicamente consolidado e se estabeleceram as novas relações entre o Estado e a Igreja Católica, marcando um ponto de viragem na questão patrimonial.

O que se passou em São Miguel foi a existência de duas correntes: uma afeta à ala republicana da população, que reivindicava a propriedade da Capela de Santo António para a Junta de Freguesia e outra afeta à Igreja Católica, que, segundo pensamos, com base no tal espírito decorrente da Revolução de 28 de maio, alegava ser a Capela propriedade da Igreja.

A Junta, perante a informação disponível, parece ter argumentos fácticos e jurídicos mais consistentes que nós podemos comprovar nos textos das Atas pois, na realidade, era ali que funcionava a escola do sexo masculino há diversos anos, era a Junta que efetuava obras de conservação e beneficiação, era onde a Junta reunia, entre outros factos, como veremos e, além disso, tinha a lei da nacionalização a seu favor. Não é conhecido qualquer despacho do Governo a entregar a propriedade da Capela à Igreja pelo que o argumento da facção a ela afeta pareça decorrer do mencionado espírito emergente da mudança de regime político e religioso em 1928, como se disse, em que a Igreja voltou a ganhar poder e importância.

Na reunião ordinária da Junta de 2/10/1931, entre outros assuntos, descobre-se o que aconteceu com a imagem que estava ao abandono há muitos anos na Capela de Santo António: "... Encontrando-se no edifício da escola encaixotada uma imagem antiga e ao abandono e tendo sido oferecida ao padre da freguesia que nunca deu resposta foi resolvido oficial à Exma. Sr. D. Albertina Passos Lemos, d'esta freguesia, remetendo-lhe a imagem, e constituindo-a fiel depositária da mesma..."

Destas citações já apresentadas concluímos que a Escola do sexo masculino funcionava há muitos anos na capela de Santo António, que foi nacionalizada (se porventura pertencia à Igreja nessa data), mas não temos informação sobre a data do início dessa afetação. É claro que o edifício em 1931 estava em condições deploráveis para ali funcionar a escola pois, segundo a Ata de 6 de outubro de 1931, onde se tratou do "urgente caso da Escola Primária a contruir nesta freguesia", a dado passo ficou registado que existia uma Comissão Administrativa das Obras da Escola Primária de São Miguel d'Acha que tinha em seu poder uma Comunicação oficial da Direção dos Edifícios Nacionais, Sub-4ª secção, com data de 3/10/1931, que informava entre outros assuntos, que havia sido atribuída a dotação de 15.000\$00 para a construção do edifício escolar e "... Consultando o arquivo da Comissão Administrativa d'esta freguesia, referente ao mês de Julho de 1931, nele se encontra um ofício do Sr. Professor oficial, com data de 9 de Julho de 1931, comunicando ameaçar ruína o arco de cantaria existente no interior da escola e achando conveniente que o mesmo seja vistoriado para evitar qualquer desastre. Vistoriando a referida escola, verificou-se estar o sobrado em ruínas, impondo-se a sua construção de novo, mais se verificando encontrar-se o arco de cantaria existente na mesma escola em ruína. Também, sendo a sua demolição e reparação imediatamente aconselhada, obra esta, que consequentemente manda que se apeie o telhado do qual pouco ou nada se aproveita em madeira e telha para a construção." E que "... propõe, o vogal Virgílio Feio de Lemos Viana, que esta Comissão Administrativa proceda à demolição da actual Escola do sexo masculino instalando esta em casa que reúna pelo menos a condição de higiene que o referido edifício tem, e que é a casa chamada de Castelo na rua do Oledo desta freguesia e arrendada pela Comissão Administrativa da Junta de Freguesia de S. Miguel d'Acha. Mais propõe o vogal Virgílio Feio de Lemos Viana que se mandem remover os materiais que não são susceptíveis de serem furtados ou destruídos, para o local escolhido para a nova escola, vendo todas as despesas necessárias serem feitas por conta da Comissão Administrativa da Freguesia de S. Miguel d'Acha, despesas estas de demolição, transporte e arrecadação de materiais. Constitui tudo isto no entender do vogal Virgílio Feio de Lemos Viana um acto de boa administração, porque facilita e abrevia a construção do edifício escolar, dota a freguesia com um largo que lhe é necessário, termina com os cantos anti-higiénicos que muito prejudicam os habitantes daquela parte da população. Posta a proposta à votação por esta aprova-

da por unanimidade, e por unanimidade votado que as despesas de transporte e arrimação de materiais sejam feitas por conta da Comissão Administrativa da Junta de Freguesia de S. Miguel d'Acha, devendo ser escriturado no livro de contas descriminadamente e sob a rubrica geral de Despesas para auxiliar a construção da nova escola. Seguidamente, uzou da palavra o vogal presidente Agostinho Feio de Lemos Viana, que lembrando existir uma dependência do edifício a demolir a residência de velhos indigentes propôs que se lhe dê morada gratuita na casa denominada de açougue, propriedade da junta de freguesia. Pelo mesmo vogal presidente foi proposto que uma vez demolido o edifício se proceda à necessária escavação de pesquisa por ser uzo em tempos remotos fazer enterramentos na capela, devendo o resto de ossadas que por ventura se encontrem ser recolhidas e transportadas para o cemitério desta freguesia. Foi esta proposta aprovada por unanimidade e por unanimidade acertado que as despesas a fazer com taes pesquisas sejam de conta da comissão administrativa e no respectivo livro inscritas com a rubrica Despesa com pesquisas de ossadas na demolida capela de S. António. Foi votado por unanimidade que o vogal Exmo. Sr. António Joaquim da Veiga se encarregue da direção de todos estes trabalhos e rapidamente faça que se realizem, tendo em vista a urgência da Direção dos Edifícios Nacionais que consta da comunicação referida nesta sessão. Foi proposta finalmente que as madeiras fornecidas e provindas do edifício a demolir sejam pelo tarefeiro pagos a esta comissão administrativa depois de previamente anotadas, devendo o seu produto ser entregue à comissão administrativa das obras da escola como subsídio da junta de freguesia para o rápida e económico acabamento da obra; aprovada a ultima proposta e cumpridas as formalidades legais se encerrou a sessão."

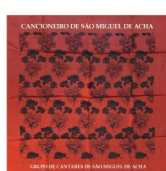
E, pelas razões que facilmente se depreendem, ficou aqui traçado o destino da muito falada Capela de Santo António, a demolição, cuja execução foi cometido ao Vogal António Joaquim da Veiga que, na Sessão de 16/10/1931, informou os restantes membros de que a decisão da Junta de 06 de outubro foi inteiramente cumprida, isto é, a Capela de Santo António foi demolida entre 6 e 16 de outubro de 1931.

(cont.)

J. Ramos Alexandre

NOVO CD DO GRUPO DE CANTARES

Pedidos para:
Tel. 924 045 130
adepac@sapo.pt



PAGAMENTO DE QUOTAS

Lembramos os nossos associados de que podem pagar as suas quotas através de transferência bancária para o
IBAN PT50 003 503 690 001 952 913 051

FESTA DOS NASCIDOS EM 1950



Foi com enorme alegria, júbilo e prazer que, no passado dia 28 de Junho, realizámos mais um “Encontro Anual dos Nascidos em 1950”! Este ano, as brisas organizadoras foram a Maria Amélia Salgueiro (esposa do Germano Salgueiro) e a Maria Amélia Geirinhas Valente Anselmo (esposa do Zé Moleiro). A ambas, deixo os merecidos parabéns pelo seu desempenho e sucesso amplamente conseguido, na realização deste evento! Estiveram presentes no “Encontro”: Maria Amélia Geirinhas Valente Anselmo, Maria Amélia Rato Salgueiro, Maria Delfina Esteves Robalo Faustino, Maria Mercês Pires, Rosa Maria Santos, José Pereira Milheiro, Maria José Pereira, José Ramos Alexandre, António Oliveira Geirinhas Carvalho, José Joaquim Vaz, Engrácia da Conceição Geirinhas, José Domingues Costa, Rui Santos, Hermínia da Graça Marques Folgado, Maria da Conceição Pinheiro, José Campos Simões, José Pires de Oliveira, Maria de Jesus Chaves de Carvalho, Maria de Jesus Carvalho, Maria Emília Duarte (em representação do seu marido, o saudoso e sempre presente



Joaquim Gil Duarte).

Na foto anexa, poderão ver-se não só estes jovens de 1950, como também os respectivos familiares e acompanhantes (cônjuges e outros), cujo número de presenças rondou as 35 pessoas, as quais, maioritariamente, se deslocaram, propositadamente a S. Miguel, oriundas das mais diversas paragens.

Neste encontro, trocaram-se abraços, mataram-se saudades, recontaram-se histórias e confraternizou-se em redor de um bem servido almoço no “Restaurante Petiscos e Companhia”.

Como é hábito, findo o almoço, não pôde faltar a parte artística e musical! Neste sentido, cantou-se o Fado de Coimbra, a Balada e as “modas” da nossa terra. Como de costume, foram artistas intervenientes, o José Ramos Alexandre, o Zé Moleiro (José Anselmo Folgado) e, eu próprio, Rui Santos, instrumentalmente acompanhados por viola e bandolim.

Este convívio terminou ao fim da tarde com o “partir do Bolo de Aniversário” e com o erguer das taças de champanhe, num jubiloso brinde de parabéns, formulando-se votos de saúde e prosperidade para que, para o ano de 2026, aqui possamos retornar com a mesma alegria!

Por feliz coincidência, na noite deste mesmo dia 28, decorreu o “Arraial de S. Pedro” no largo contíguo à “Capela de S. Pedro”, (organizado pela Comissão de Festas da Senhora do Miradouro), no qual não faltaram a boa sardinha assada, as tradicionais febras e o saborosíssimo caldo verde, para já não falar no inigualável “arroz doce à moda de s. Miguel”!

E, assim, findo este evento, e antes de retornarmos aos nossos locais de residência, de novo nos juntámos e, em uníssono, cantámos: “Canto adorado, torrão lindo onde eu nasci/ Mesmo afastado, nunca me esqueço de ti/ Hei-de rogar, à Virgem do Miradouro/ Para sempre te amparar, S. Miguel! Oh meu tesouro.”

Até para o Ano!

Julho de 2025
Rui Santos



OLÁ, SOLIDÃO !



À medida que vou envelhecendo tenho mais necessidade de estar acompanhado, compreendo melhor a necessidade de estar com os outros e fico ansioso quando sinto que estou só, mesmo que isso signifique apenas isolamento social e não solidão não desejada.

De facto, estar rodeado de gente não resolve os sentimentos de solidão. Como o contrário, viver sozinho não é sempre sinónimo de sentir solidão. Refiro-me à solidão que faz mal à saúde.

Segundo V. Murthy, referido por Isabel Sánchez, a solidão “alastra como uma epidemia”, uma “epidemia oculta”, como foi referido no Reino Unido que criou o Ministério da solidão.

Isabel Sánchez em A Cultura do Cuidado, refere que “A solidão é um problema de saúde pública. E não é por acaso que foi integrada pelos governos de alguns países nas respectivas agendas de trabalho; a solidão está na origem e é um agente promotor das grandes epidemias do mundo atual, desde o alcoolismo e a dependência de drogas até à violência, à depressão e à ansiedade”.

“Mas a solidão não afeta apenas a saúde; afeta igualmente, o comportamento das crianças na escola, o nosso rendimento no trabalho, bem como o sentimento de divisão e polarização que domina sociedade.”

“... O que está presente no fundo da nossa solidão é o desejo inato de nos relacionarmos com os outros, porque o ser humano é uma criatura social...” (pp. 134-135)

Sabemos bem a importância da relação social para o desenvolvimento da criança; conhecemos as experiências de carência de contacto, carência de afeto e vinculação em que certas crianças ficaram e quanto isso perturbou o seu desenvolvimento.

Sabemos da importância que a necessidade do outro tem no grupo de adolescentes; enquanto adultos a importância do outro no trabalho ou, quando na velhice, precisamos de alguém que nos ajude em tarefas essenciais das actividades da vida diária que nós já não somos capazes de fazer.

A solidão “é um dos males do nosso tempo, uma pandemia do presente, que provoca mais mortos que a poluição ambiental, a obesidade e o alcoolismo... o isolamento afeta a qualidade do sono e faz aumentar os sintomas depressivos e os níveis matinais de cortisol que é a hormona do stress”... (Facundo Manes, referido por I. Sánchez, p.135)

Também em Portugal vivemos esta realidade. Um estudo (SNS 24, “A solidão e o isolamento social”) com mais de 1200 pessoas, entre os 50 e os 101 anos, concluiu que:

- as mulheres (20,4%) sofrem mais de solidão do que os homens (7,3%);

- as pessoas com menor escolaridade apresentam mais solidão (25,8%).
- o sentimento de solidão aumenta com a idade: 9,9% dos 50-64 anos; 26,8% com 85 anos ou mais.
- é mais frequente nas pessoas viúvas (30,6%) e nas pessoas solteiras (15,8%) do que em pessoas casadas (9,2%).

As férias são uma excelente oportunidade para novos contactos sociais ou para renovar contactos sociais que, eventualmente, estavam perdidos, desde logo dentro da nossa família, com os nossos filhos ou com amigos que não víamos há muito tempo. É um tempo em que podemos refazer relações sociais que nos devolvam a alegria de viver.

Carlos Teixeira



EXPOSIÇÃO UM ATLAS COM CAMINHOS PARA QUE O MUNDO NÃO SE FECHÉ



Com organização conjunta da Junta de Freguesia de São Miguel de Acha e da ADEPAC, decorreu de 20 a 26 de julho a Exposição do Corpo de Imagens de *Um Atlas com Caminhos para que o Mundo Não se Feche*.

Esta mostra esteve patente na Casa da Cultura de São Miguel de Acha.

GRUPO DE CANTARES

O nosso Grupo de Adufeiras participou no dia 3 do mês corrente na sessão de abertura da *Bienal de Arte Contemporânea da Maia 2025* com enorme sucesso no dizer dos críticos



e de todos os presentes, interpretando o cântico das "Alvíssaras".



O Grupo de Cantares Tradicionais atuou:

Dia 19 de Julho - no Festival da Melancia do Ladoeiro.



Estão marcadas duas atuações :

Dia 16 de agosto - na festa anual da Aldeia de Santa Margarida;

Dia 30 de agosto - na Feira Raiana em Moraleja (Espanha).

FESTIVAL DA MELANCIA

Organizada pelo Município de Idanha-a-Nova, Idanha-a-1000, Filarmónica Idanhense e Junta de Freguesia do Ladoeiro, decorreu a 19.ª edição do

Festival da Melancia que superou as expectativas com um programa diversificado, pensado para todas as idades.

Desde música ao vivo a corridas de



melancia, passando por *showcoo-kings*, exposições, tertúlias, concursos e atuações de músicos de renome nacional e grupos de música tradicional, não faltaram motivos para visitar o Ladoeiro.

No âmbito da música tradicional enquadrou-se a atuação do Grupo de Cantares Tradicionais de São Miguel de Acha.

Com a participação ativa da comunidade local, o Festival da Melancia voltou a afirmar-se como uma celebração da cultura agrícola e da identidade do território.

Cancioneiro da Música Tradicional de São Miguel de Acha

Pedidos para:
adepac@sapo.pt
ou
Tel. 924 045 130



Diretora: Sofia Gonçalves.

Colaboradores nesta edição: Carlos Teixeira; J. Ramos Alexandre, Rui Santos e Sofia Gonçalves

Propriedade:

Associação de Defesa do Património Cultural de São Miguel de Acha - ADEPAC

Largo de St.º António, s/n
6060-511 São Miguel de Acha
Associada do INATEL com o n.º 562
Contactos: 924 045 130

adepac@sapo.pt <https://adepac.pt>

Apoios:



(distribuição gratuita aos associados)